

Rochas ornamentais valorizam os mais diferentes estilos arquitetônicos

Adeptos da liberdade de criação, Gabriel Kalili e Fernando Freitas não se prendem a tendências, mas sim ao conceito da funcionalidade aliada à beleza arquitetônica. Sempre que podem indicam as rochas ornamentais a seus clientes, pois as consideram belas e eternas.

Os arquitetos responsáveis pela G.Kalili&Freitas, Gabriel Kalili e Fernando Freitas, têm muitos desafios a vencer a cada projeto arquitetônico que decidem coordenar. Não há preferência por nenhum nicho em especial, tanto que a dupla costuma trabalhar em projetos bastante diversificados. Entre seus clientes encontram-se empreendimentos comerciais, empresariais e incorporadoras. Há, ainda projetos beneficentes, como o que desenvolvem hoje na favela de Paraisópolis, em São Paulo. “Nosso trabalho de arquiteto é consciente e dedicado a fazer bons projetos. O que importa é que exista um projeto coerente com o perfil do empreendimento e do cliente. Nossa preocupação é atender às necessidades de quem nos procura, sem deixar de lado o valor estético da obra. Fazer bem o trabalho profissional é uma forma de contribuir socialmente. Como exemplo disso posso citar um Posto de Orientação Familiar que estamos desenvolvendo na favela de Paraisópolis, próxima ao bairro do Morumbi. Em conjunto com o dono de uma incorporadora e com representantes do Hospital Albert Einstein estamos nos dedicando à construção deste posto que facilitara a vida dos moradores”, conta Kalili.

A versatilidade dos profissionais não se destaca somente na diversidade de clientes a que atendem, mas também na forma como idealizam os projetos. “Como arquitetos nossa função é criar espaços, caracterizá-los, ambientá-los, deixá-los funcionais, proporcionar surpresas, estimular sensações, sem nos esquecer do entorno, ou seja, do meio ambiente. Nossa preocupação maior não é a de seguir uma linha arquitetônica única ou uma tendência da moda, mas sim elaborar um projeto funcional e bonito ao mesmo tempo”, ressalta Kalili.

O meio ambiente, aliás, é hoje um grande parceiro da arquitetura, segundo Kalili. “Analisar o entorno da obra é algo essencial. A arquitetura tem conseguido, com isso, criar conceitos de sustentabilidade. Além do compromisso social, respeitar os limites da natureza também pode servir como um bom elemento de marketing, um diferencial do trabalho arquitetônico. Podemos, por exemplo, respeitar o terreno em que será erguido a obra, não o modificando de forma desnecessária. É claro que isso vai depender de vários fatores, mas se pudermos evitar mudanças estruturais sérias assim o faremos.”

Rochas Ornamentais: Belas e duráveis.

Liberdade de criação é algo que Gabriel Kalili e Fernando Freitas prezam bastante. Eles sabem, contudo, que nem sempre é possível colocar essa premissa em prática. “É claro que a liberdade varia de acordo com o projeto e o cliente. Com incorporadoras temos menos liberdade, pois há uma pré-definição do produto. Em projetos residenciais podemos criar mais, bem como em espaços dedicados a lojas.”

Conversar muito com o cliente também é fundamental para entender suas necessidades. “O discurso é muito importante. A conceituação deve ser clara, bem elaborada, tanto quanto o desenho. Como arquitetos precisamos entender o que o cliente precisa e ele, por sua vez também precisa entender aquilo que idealizamos”, comenta Kalili.

O diálogo com os clientes está presente em todas as etapas da obra, e quando o assunto é o acabamento, Kalili e Freitas costumam sugerir a utilização de rochas ornamentais. “É

inegável a relação das rochas ornamentais, especialmente os mármore, com a sofisticação dos ambientes. Mas este não é o principal objetivo quando pensamos em indicá-las. Em geral, as rochas destacam-se por sua durabilidade, fácil manutenção e um belo resultado estético.”

Kalili explica que, atualmente, as rochas ornamentais mais solicitadas pelos clientes são as de cores claras quando as rochas determinam o ambiente, mas isso vai depender da linha arquitetônica em questão. Mármore ou granito pretos também são muito usados, quando uma tonalidade uniforme e sem muita textura é o objetivo. Nesse sentido, tanto o branco quanto o preto responde bem.”

A combinação de rochas ornamentais com madeira, vidro, acrílico, carpete e outros materiais é bem aceita por Kalili, mas quando o assunto recai sobre tendências atuais de combinações, ele não fecha questão. “Não consigo falar em tendência, ou seja, dizer o que se usa agora ou o que se vai usar amanhã em relação às rochas ornamentais. Penso que há uma evolução em relação à gama de materiais existentes, facilidades adquiridas em decorrência dos avanços da tecnologia, o que permite que alguns produtos sejam mais viáveis.”

A versatilidade das rochas também é apontada por Kalili. “As placas mais finas colaboram para tornar o nível dos pisos mais uniforme, além de terem um preço mais acessível. As rochas também podem ser aplicadas com êxito em painéis pré-fabricados para fachadas, confecção de mobiliário, recortes em formas diversas e sinuosas, detalhamento e paginação de pisos. Abre-se, com as rochas ornamentais, um enorme leque de possibilidades de utilização. Por isso, sempre que posso as indico.”

Nacionais e Importados

“Sugerimos ao cliente tanto mármore nacionais quanto os importados. Alguns mármore nacionais têm qualidade tão boa quanto os similares importados, mas é inegável que os mármore mais belos são os que vêm de fora, mesmo porque o forte do Brasil são os granitos.

Às vezes você indica um mármore nacional e ele se mostra mais poroso ou manchado que um similar importado. Então, optamos pelo importado, ainda que mais caro”, enfatiza Kalili.

A dupla prefere trabalhar com piso paginado, que apesar de encarecer o projeto, imprime maior valorização ao ambiente. “A paginação requer cuidado redobrado, que vai da escolha da rocha à colocação do piso. Implica na escolha do fornecedor e na avaliação da qualidade do lote, bem como na contratação de uma marmoraria com alta tecnologia e mão-de-obra qualificada”, ressalta Freitas. “Na paginação é possível ousar, caprichar mais no design, detalhar mais o projeto, saindo do padrão que são os ladrilhos, e fazer as juntas onde melhor convier ao ambiente.”

Gabriel Kalili considera a tecnologia empregada no tratamento de rochas ornamentais bastante avançada no Brasil, mas sente que o setor peca pela falta de uniformização da nomenclatura das rochas. “Na maioria das vezes, o arquiteto é quem sugere a rocha a ser utilizada no projeto. Porém, temos grande dificuldade em falar a mesma língua das marmorarias, já que uma mesma rocha pode ter dois ou mais nomes. Não sei porque acontece isso mais acredito que fornecedores diferentes deem nomes diferentes a um mesmo mármore ou granito, o que dificulta o nosso trabalho. Isto torna impossível por exemplo, escolher uma rocha via catálogo, o que é perfeitamente possível com a cerâmica.”

Projetos

No Brasil, os projetos de arquitetura têm se preocupado em combinar duas premissas básicas: um melhor aproveitamento do espaço aliado a economia. “O desafio, contudo, é atender a essas exigências com qualidade, abrindo espaço ainda para a busca de novas soluções tecnológicas”, destaca Freitas.

Segundo Kalili, as novas tecnologias demoram a ser implantadas no Brasil, em função do alto custo inicial. Mas é inegável que a construção industrializada e racionalizada tem evoluído, até para conseguir fazer frente à concorrência”, avalia Kalili.

Apesar de não se prender a tendências em seu trabalho, Kalili avalia a arquitetura brasileira como detentora de certos modismos e 'maneirismos' que chegam a incomodar.

“Não os considero pecados capitais, mas certos detalhes arquitetônicos não caberiam onde estão num primeiro olhar. Certos modismos impostos pelo mercado podem contribuir de forma negativa para o conjunto arquitetônico. Por outro lado, quem é do ramo sabe que em alguns casos os processos que envolvem a concepção de um projeto são tortuosos e o resultado final pode ser ruim por ingerências no caminho”.

Mas os tais modismos condenados por Kalili podem, às vezes, tornar-se um desafio.

“Como arquiteto não sou radical. O importante é conseguir chegar à qualidade final do projeto, mesmo que este tenha que seguir uma linha arquitetônica que não me agrada.

Como profissional, tenho que ter uma visão ampla de tudo o que cerca meu trabalho, não posso me fechar somente em conceitos pessoais”, finaliza.

Fonte: Revista Rochas de Qualidade

Data: 02/2006